

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO V—Número 1.541
Terça-feira, 4 de Dezembro de 1923
PREÇO—20 CENTAVOS

A extinção de escolas, sob o pretexto de compressão de despesas, é um atentado contra os direitos do povo. Querem poupar dinheiro? Acabem com a guarda republicana!

COMPRESSÃO DE DESPESAS...

Fechem-se as escolas!

A nan burguesa mete água por todos os lados. Apodrecem sobre os seus princípios e há de submergir na lama da sua moral. O estado português, miséria coisinha da grande carcaça, parece mais carcomido, mais perto do fim. Impotentes para chamar à vida forte e livre o povo que morre e sofre, que morre de fome e de ignorância, os políticos acamaram e transigem com as oligarquias da finança, da agricultura, do comércio, da indústria e da imbecilidade. E como o estado da nação é por todos reputado grave, governo que suba os escadotes do Terreiro da Paço, volta para o país, despe o casaco, arregaça as mangas da camisa, em atitude de quem vai fazer a grande operação que há de salvar o moribundo. E logo os banqueiros têm mais notas e mais banhas, o povo mais fome e revolta, os hospitais mais dores, as guelas dos cemitérios carne com mais abundância...

Não assim o governo nacionalista, não assim o governo do sr. Genistal Machado, que é educador, do sr. Melo Simas que é cientista, do sr. Cunha Leal que lá arranca o dinheiro às burras fortes com a guarda republicana. Não! Suas ex., mais a companhia, se aumentaram a circulação fiduciária, em compensação soltaram republicaneamente este grito redentor:

«O tesouro está exausto? As forças vivas não querem pagar o que devem? os altos funcionários têm três e quatro empregos?»

Extinguem-se escolas!

E quais? perguntariam entre si o presidente do ministério que é professor, o ministro da instrução, que é ministro da instrução, e o ministro das finanças que popularmente arrebatou as multidões, pregando a sua emancipação pela escola popular.

—Quais? fazia o sr. presidente do ministério, admirado de os companheiros não descobrirem,—as escolas primárias superiores!

—Muito bem! diria o sr. ministro da instrução que é um apaixonado astrônomo e que na ocasião em que apoiou, saudoso do seu mundo infinito das alturas, andava na Lua, sem reparar que o sr. Genistal é professor dos liceus que querem matar os primários superiores.

—O leitor não sabia deste mar de interesses dentro do admirável plano da educação nacional? Não sabia desta concorrência de morte nos arrais da pedagogia indígena? Pois registre que é interessantíssimo.

—Mas a escola primária superior, objectaria o sr. Cunha Leal, é uma escola popular onde os filhos do povo que não podem seguir o liceu continuam a sua educação... Que dirá o povo?

—O povo já não se lembra das promessas dos comícios

nem sabe o que é a escola primária superior... Mãos à obra, mãos à obra! As escolas primárias superiores têm uma grande corrente de opinião contra elas, é preciso ir ao encontro dessa corrente, pregar moralidade, engrossar o partido... Quem os deitar a baixo fará um figurão!...

—Mas isso é política e é forte, atreveria o sr. ministro da instrução, cujo pensamento acabara de descer da Lua e ouvira o resto da conversa.

—Junta-se-lhe qualquer coisa, mesmo de liceus, e já não parece forte nem política, arrematou o sr. Genistal.

E o sr. Cunha Leal que, por enquanto, ainda mantém os seus juramentos de fidelidade à disciplina partidária, anotou nos seus Apontamentos de Compressão de Despesas a seguinte medida de salvação pública e partidária:

Extinção das Escolas Primárias Superiores

E assim, por estas vastas e profundas medidas que os grandes curandeiros salvam a nação quando sobem as escadotes do Terreiro da Paço e despem o casaco e aforram a camisa e tocam a campainha como o nosso clássico drogista das tribunas do Rossio.

A instrução do povo? a miséria do pequeno funcionário? Que importa isso? Os interesses do país são os das castas oligárquicas, e o erário logradouro seguro e farto da alta burocracia.

...Que as escolas primárias superiores não são o que devem, que o pessoal é incompetente e numeroso...

Quais são os serviços públicos que em Portugal correspondem às necessidades? Quais os que tem pessoal competente e em justa quantidade? Quem responde a estas perguntas?

Melhor andaria o governo se pensasse em extinguir as universidades que pararam os genistas estadistas que começaram as suas largas e profundas medidas de salvação pública e de alta democracia pela extinção de meia dúzia de escolas de finalidade popular!

Em vez de diminuir o número dos liceus que são escolas para ricos, que são a escada por onde sobem os que se destinam às castas parasitárias e oligárquicas, criando, em correção, uma escola de educação integral em cada concelho onde ingressassem os filhos do povo ao saírem da escola primária geral, o governo decreta a extinção do rudimento, bôni ou mau, da futura escola popular superior! Tudo por amor à Democracia...

Nas próximas eleições, o proletariado, sacrificando os seus princípios anti-parlamentaristas e só por homenagem ao culto que estes redentores nutrem pela Escola, pelo almento espiritual das massas, vai votar com eles...

Compressão de despesas, moralidade...

Os charlatães!

MOVIMENTO SOCIALISTA

A Conferência Regional do Sul

protestou contra a extinção dos ministérios do trabalho e da agricultura, e contra os novos impostos

Este mês iniciou-se para os socialistas com uma conferência regional do sul precursora do congresso partidário que se ha de realizar no Porto. A conferência durou dois dias, durante os quais se realizaram três sessões e encerrou-se no dia 2.

Na sessão inaugural, o dr. sr. Ramada Curto, como representante do Conselho Central do P. S. P., fez um longo discurso. Referiu-se às conferências regionais reconhecendo a sua utilidade como preparatórias dos congressos. Lamentou que dentro do partido exista uma grande falta de organização e de espírito de trabalho. A missão do partido não se pode—declarou o orador—circunscrever às festas no centro do Bemfornoso. Defendeu a necessidade de uma maior autonomia aos representantes socialistas das Juntas de Freguesia.

Afirmou que, dentro em pouco, os operários portugueses reconhecerão a inutilidade dos processos radicais e os bombísticos não terão dúvida em ingressar no Partido Socialista, convencidos de que só ele poderá criar uma sociedade nova e melhor. Acabou salutando as classes que trabalham.

Fôram lidas e proferidas saudações à conferência regional pelos sr. Alfredo Franco, dr. Amâncio de Alpoim, Fernandes Alves.

O dr. sr. Amâncio de Alpoim entendeu que os socialistas portugueses se devem fazer representar na Conferência Internacional do Trabalho que se está realizando em Ginebra. Declara que os operários não verão os seus ideais realizados enquanto não desistirem das revoltas avulsas e dos avulsos sacrifícios. Os operários assim não o entendem deixando-se ir nas vagas eucapeladas de um oceano de loucura.

E' lido o relatório da comissão executiva da Conferência Regional do

Sul. Falou sobre ele o sr. Ladislau Batalha que confessou a debilidade do partido e entende que enquanto ela persistir, não se deve fornecer ministros aos governos. O dr. Ramada Curto assegurou que, quanto maior for o número de deputados do partido no parlamento mais depressa poderá ser governado, sendo função do P. S. P. apressar-se do Estado—para o destruir.

Na 2.ª sessão o sr. João Graça apresentou um longo trabalho sobre o carácter humanitário e filantrópico do partido, criando escolas e cantinas. Abel da Cruz apresentou uma moção contra os novos impostos que o ministro das finanças pretende lançar sobre o povo. Discute-se se devem ou não ser suprimidas as conferências regionais.

Sobre este assunto falaram os sr. Martins Santarém, Ladislau Batalha, João Graça, Joaquim Cabral, Amâncio de Alpoim e Fernandes Alves. Por fim é aprovada por uma moção do sr. Alfredo Franco, sobre a existência das conferências regionais. E' aprovado também que se continuem a efectuar os congressos regionais.

O dr. sr. Amâncio de Alpoim propõe a realização de sessões de cultura e ideias socialistas a fim de preparar propaganda; que se procure contacto com as organizações operárias colhendo comunicações positivas sobre a sua situação e aspirações.

Na terceira sessão o sr. Eugénio Clemente protestou contra a plançada extinção das Escolas Primárias Superiores e contra a acção clerical que nos últimos tempos se tem feito sentir intensamente.

O dr. sr. Ramada Curto insurgiu-se contra o facto de não se ter levado a cabo a sindicância por ele reclamada ao parlamento sobre os Baixos Sociais, a fim de libar o partido sobre as reclamações que lhe tem sido feitas.

O sr. Costa Cabral apresentou uma saudação aos presos sociais sem culpa formada que foi aprovada por aclamação.

Aprovou-se também uma proposta contra a projectada extinção dos ministérios do Trabalho e da Agricultura por serem os que mais directamente interessam a causa popular. Na mesma proposta aponta-se a modificação desses dois ministérios a fim de se deixarem de ser baluartes de caciquismo aldeão e bolsas de favores particulares.

Levantou-se um incidente por a proposta do falecido propagandista socialista Teodoro Ribeiro surgir na sala a protestar contra um artigo vindo no «Protesto» que considera injurioso. Foi posta ainda a apropriação de terrenos incultos. Nomeou-se a nova comissão executiva que ficou composta pelos sr. Fernandes Alves, Costa Cabral, Rinaldo Vilas, Abel da Cruz, José Morgado Ferreira, Eurico Ferreira Pinto e João Neves.

Houve ainda um discurso do dr. sr. Amâncio de Alpoim encerrando-se a seguir a sessão.

A propósito dum incidente

Na Conferência Socialista a intervenção da viúva de Teodoro Ribeiro levantou grande ruído, chegando a interrompê-la por algum tempo. Contra a atitude da maioria dos congressistas veio a viúva do antigo militante socialista protestar, queixando-se de ter sido alvo de algumas grosserias. Disse-nos também que o dr. sr. Ramada Curto foi para com ela correctíssimo e amável. Terminou pedindo-nos a publicação da seguinte carta que endereçou ao Conselho Central do P. S. P.:

Ex.º Sr. Presidente do Conselho Central do Partido Socialista Português:

Levo ao conhecimento de V. Ex.ª que desde hoje me considero desligado do Partido Socialista Português. Motivos? A ofensa feita a meu marido, Teodoro Carlos Ribeiro, por Martins Santarém, no jornal O Protesto, de 26 de Novembro de 1922, ofensa essa, que dá a disciplina partidária e a personalidade destacada de meu marido, tinha que ser arredada do colectivo, parecendo-lhe necessário que os sr. Ladislau Batalha e António Francisco Pereira, dois ex-parlamentares (por consequência colectivamente responsáveis) o declarassem em público e solenemente a sua não concordância com o exposto no artigo pelo citado Martins Santarém. Não o fizeram, e se é verdade que o jornal é uma entidade particular dentro do Partido, a verdade também é que ele é orientado por pessoas com responsabilidade perante o mesmo. Por isso entendo que estas tinham o dever de acudir à água do seu capote, água essa que uma coterie evitou que fosse exposta para todos verem no Congresso, onde por alguns congressistas, justamente revoltados, fui convidada a ir, no sentido de assistir ao que chamavam a exortação dum patife que por ter falecido não podia defender-se.

Do que se passou no Congresso comigo não fui culpada.

A agitação nasceu sem eu querer e foi filha dum solidariedade que me parece excessiva com o sr. Santarém, e pelo contrário nada excessiva para com meu falecido marido.

Por isso considero-me V. Ex.ª desligada desse seu Partido, e de todos os seus organismos partidários.

A V. Ex.ª Sr. Dr. Ramada Curto os meus agradecimentos eternos pela justiça que me reconheceu quando comigo falou.

Maria Aida Ribeiro

O CASO DAS FALSIFICAÇÕES

As últimas averiguações policiais

Ainda não estão definitivamente concluídas as investigações da polícia sobre a famosíssima falsificação dos bilhetes do tesouro. O director da polícia de investigação dr. sr. Paulo Menano, convidou os representantes da imprensa a irem ontem ao seu gabinete para relatar o que se conseguiu averiguar. Parte das suas declarações já foram noticiadas neste jornal, em devida altura, motivo pelo qual julgamos desnecessário repeti-las, visto serem uma confirmação do que dissemos.

E' ainda a história dum espanhol da grande intimidade com o Macieira que segundo nos afirmam se chama Caetano Amaro e cujas joias foram empenhadas por Pedro Cohen em um antigo corrector de finanças, pessoa grã-dos «gros-bonets» da rua dos Capelães, que descaiu da consideração da preclara rua pela facilidade com que a jogava na roleta.

O Macieira, que por sinal se chama Caetano Amaro, tinha falado ao Cohen numa falsificação de moeda, tendo este por sua vez falado ao Ramalho que por sua vez falou ao «Pé de Cera». Passados alguns dias o desinquietado «Pé de Cera» pediu, em frente do Palais Royal, uma casa de batota na avenida da Liberdade, 30 contos pelo seu «trabalho», sendo desviados dessa importância 10 contos para gratificação ao Ramalho. O «Pé de Cera», pessoa de grande imaginação, observa que não valia a pena falsificar moedas estrangeiras porque todas elas estavam desvalorizadas... O Caetano Amaro uma vez lembrado o «negócio» da falsificação dos bilhetes do tesouro partiu para a Espanha a fim de arranjar capital. O Caetano foi-se demorando e o Cohen empenhou 5 títulos de tesouro para consumir a importância deles proveniente na batota.

Passados dias o Macieira regressava de Espanha sem dinheiro, o que atrapalhou sobremaneira o Pedro Cohen, que assim se via impossibilitado de resgatar os tais 5 títulos falsificados, pelo

que foi procurar o Ramalho a quem contou o que era passado. Por sua vez o «Pé de Cera» sabendo que o Cohen havia empenhado alguns bilhetes resolveu-se a fazer negócio por conta própria, pois que assim conseguiria antes mais que os 750 escudos por cada bilhete que falsificava. O Cohen insurgiu-se com o facto e reclamou mais bilhetes que o «Pé de Cera» se recusou a entregar, o que por fim fez a conselho do Ramalho, recebendo então o Cohen um título ou um bilhete de 120 contos. Esse título foi depois empenhado alternadamente com as tais joias da espanhola Lago.

Em face de todas estas declarações o Macieira não teve mais remédio que confessar toda a verdade vindo depois a polícia a apurar que o Macieira, embora apontado como tendo certa reputação em Espanha, não passava de um burlão que na nação visinha praticou não poucas «tramoias», estando ainda a pagar prestações por uma burla de joias.

Apurou-se também que José de Carvalho, mais conhecido pelo «Carvalhinho», funcionário do ministério das Finanças fornecera ao «Pé de Cera» os bilhetes em branco do arquivo do referido ministério. O «Pé de Cera» fabricou o selo em branco e as assinaturas de vários funcionários públicos. Confessou que falsificara bilhetes para dar ao Cohen e que propusera a sua venda a várias pessoas, entre as quais Júlio Rôxo. Este por sua vez arranjou intermediários entre os quais se encontram o falso farmacêutico Borges de Macedo, Antonio Simões Miranda, primo do antecedente, o actor Antonio Filipe Pinheiro e o comerciante Baptista Lory.

A polícia apreendeu as seguintes quantias: ao «Pé de Cera» 28000 escudos; ao Júlio Rôxo 6000; ao Macedo 5000; ao Antonio Simões Miranda 11.300.

A «Minerva Rapida» que foi apreendida destinava-se a estabelecer concorrência com a Casa da Moeda...

700 pessoas mortas por ter rebentado um dique

MILÃO, 3.—Avaliam-se em cerca de 700 as pessoas que morreram devido a ter rebentado o dique ao norte de Brescia. O dique tinha 36 metros de altura, 44 metros de largura e quando rebentou tinha cerca de 300.000.000 de pés cúbicos de água.

Esta tromba de líquido lançou-se pelo vale destruindo as aldeias e afogando 35 pessoas e os animais que encontraram no seu caminho. Os socorros foram rapidamente organizados em Bergamo tendo sido também enviados socorros de Milão. Dificultou os serviços de salvação a chuva torrencial que caiu. Centenas de cadáveres boiavam sobre as águas ou estavam meio enterrados na lama que marginava os caminhos.

Uma reunião dos trapeiros

Na sede da Associação dos Cabouqueiros e Fabricantes de Cal, na Estrada dos Prazeres, 4, 1.ª (à meia Laranjeira), realizou-se hoje, pelas 21 horas, uma reunião dos trapeiros de ambos os sexos, para tratar da sua situação.

Um grande exito! Notas e Comentários

O «Suplemento literário de A Batalha» foi ontem avidamente disputado pelo publico

Hoje publica-se uma segunda edição

Causou um sucesso inesperado, surpreendente o primeiro número do Suplemento literário de «A Batalha» que ontem iniciou a sua publicação.

A grande tiragem que se fez foi insuflante para satisfazer a avalanche de pedidos que de toda a parte chegavam. Os milhares de exemplares que os vendedores levaram, foram disputados avidamente, esgotando-se rapidamente as primeiras horas da manhã.

Houve vendedores que exigiram quantias superiores ao seu custo, o que é condenável. O publico não deve pagar mais do que cinquenta centavos por cada exemplar.

Em face do sucesso extraordinário que o Suplemento literário de «A Batalha» obteve e para satisfazer os inúmeros pedidos que se verificaram, resolvemos fazer uma segunda impressão daquele número, que os nossos leitores poderão comprar hoje ao vendedor.

O acolhimento verdadeiramente entusiástico que o publico dispensou ao Suplemento literário de «A Batalha» anima-nos a prosseguir na obra encetada, procurando torná-la tanto quanto possível útil ao proletariado.

O segundo número do Suplemento literário de «A Batalha», que aparecerá na próxima segunda-feira, insorirá, como o primeiro, uma colaboração escolhida, que lhe grangeará idêntico exito.

No Conservatório

Um pai que no Conservatório tem uma filha a estudar queixou-se nos amargamente do funcionamento daquele estabelecimento de ensino. Dissemos que certos professores faltam constantemente o que ocasiona sérios prejuízos para a educação dos alunos. Tornam-se eco dos queixumes razoáveis desse pai no intuito de sermos ouvidos pelo pai ou pais da pátria a que estes assuntos competem.

A «Filarmonia»

Manuel Evaristo Bentes, Manuel Joaquim Duarte, Paulo Joaquim Correia, Mário Cândido Barroso e António Maria Valente, músicos da «Filarmonia» escreveram-nos uma longa carta explicando a atitude dos músicos que abandonaram o maestro sr. Francisco Lacerda e respondendo às acusações que lhes tem feito. Como não apontam um único facto inédito e a argumentação que empregam é idêntica à que os leitores devem conhecer por intermédio dum carta da Associação dos Músicos e dum manifesto profusamente distribuído há dias, permitimo-nos não a publicar, certos de que não prejudicamos a causa dos signatários.

Também temos presentes duas cartas do sr. Alvaro Rafael de Macedo e Santos, presidente da mencionada associação, uma afirmando não pretender me-

lindrar-nos com uma carta sua publicada na A Batalha há dias, cujo introito comentamos outrá, respondendo a algumas referências que o sr. Francisco Lacerda lhe fez numa carta que A Batalha deu à estampa.

Como o caso da «Filarmonia» já foi demasiado debatido A Batalha fecha discretamente as suas colunas ao assunto.

Homens Livres

Surgiu antecorrem a publicação Homens Livres (livres da finança e dos partidos) que insere colaboração de vários homens de letras.

O nosso folhetim

Por absoluta falta de espaço fomos forçados a retirar hoje o folhetim da 3.ª página.

Crise de trabalho

O Sindicato dos Operários Manufatureiros de Calçado convida a classe a reunir hoje, em assembleia geral, para resolver sobre a momentosa questão da crise de trabalho, sendo necessária a comparecência de todos os componentes.

A GREVE MARITIMA

Fazem-se as considerações que se julgam indispensáveis aos regulamentos e aos desejos dos armadores

Pelo que dissemos no último artigo não fazer-se um juízo imparcial, analisando os regulamentos publicados, pois verifica-se as condições desfavoráveis das marinhas mercantes dos outros países.

Para não haver especulações, observaremos que por engano se dizia no regulamento alemão que o horário em porto, para pessoal de convés e máquinas, era de 7 horas, quando é de 8.

Entrando na apreciação do que ficou dito, quanto a mim, sob o ponto de vista moral e económico, os marítimos portugueses estão num estado de inferioridade em relação aos marítimos estrangeiros.

Darei provas concretas a quem o duvidar.

Não posso conceber, nem admitir que os armadores espalhem o ódio para cima dos marítimos, tornando-os culpados da decadência a que chegou a marinha mercante, quando é certo, se a tal estado se chegou, só única e somente responsáveis os armadores devido à sua inépcia.

Como tenho por norma justificar de uma maneira clara as minhas afirmações, passarei a demonstrar até que ponto chega a ineptidão dos armadores. Como a navegação pode dar tudo — visto serem mais os que mandam de que os que trabalham — começam por procurar aumentar a receita e diminuir as despesas. E como conseguem?

Convencer a opinião pública que no

estrangeiro se trabalha mais; dizer aos marítimos que é preciso imitar os estrangeiros — nem que os marítimos, fartos de percorrerem as principais cidades do mundo, não subsem quantas horas trabalham os seus camaradas de além fronteiras — e impôr mais horas de trabalho aos seus assalariados, julgando assim ter resolvido o problema. Pura ilusão! Então não está ao alcance de todas as pessoas que qualquer criatura desde que trabalhe de vontade, trabalha mais numa hora que em duas ou três, de má vontade.

Vontade essa que sempre desaparece desde que aumentem as horas. O mesmo sucede com a diminuição, que mais anima o pessoal e o faz trabalhar mais.

E não querem os armadores que se escarpelise a sua inércia.

Um exemplo bem frisante: Navios há a que os armadores podiam aumentar o seu pessoal sem agravar as suas finanças — talvez ainda economisassem — desde que subsem os ou quizessem. Todos aqueles navios que trazem apenas 4 marítimos, os armadores, só pelo simples prazer de que eles sigam o sistema de dois quartos, pagam-lhes 3 horas extraordinárias a cada um, ou sejam 12 horas por dia a 1844x12=17328x15 dias de viagem=259920.

Com estas e outras receitas que os armadores podiam ter — desde que subsem administrar a sua indústria — chegaria para aumentar os salários à tripulação desses navios pequenos e ses

por consequência com pouca tripulação.

Isto conseguir-se-hia desde que estabelecessem o seguinte sistema de quartas: 1 marítimo por cada quarto de 2 horas descansaria 6 horas, de dia cada marítimo duraria 2 horas de serviço ao navio — escusado será dizer que de noite toda a gente dorme, e, por consequência, não é preciso mais que um marítimo e um oficial de quarto — uma medida de boa administração.

Mas os armadores não se preocupam com a forma de pôr em prática estas e outras medidas, com que a marinha mercante muito teria a lucrar.

Ouviram dizer que na Inglaterra, França, Alemanha, etc., se trabalhava muito, e vá de querer imitar os estrangeiros; o que foram foi mal informado. Quem estas linhas escreve tem ido algumas vezes a diversas cidades das nações acima citadas, e nunca constatou que lá se trabalhasse mais que 8 horas. Mas o ter presenciado não era o suficiente, e eis o motivo por que de boa norma o ter escrito parte dos regulamentos das marinhas estrangeiras (actualmente em vigor) para os armadores — talvez mal fludecidos — reconsiderarem e convencerem-se que no estrangeiro não se trabalha mais que em Portugal, mas o que administram o trabalho, melhor do que os portugueses

Para dirigir um certo número de criaturas não é preciso ser muito inteligente, basta conhecer a sua psicologia.

Os armadores ao elaborarem o seu regulamento não previram as suas consequências, ainda que os marítimos o aceitassem; não vinha beneficiar em nada a marinha mercante, pois que facilmente se deduz que amanhã os foguetos com mais horas farão menos vapor, e, o navio andaria menos, outra tanto sucederia com pessoal do convés.

Chagaram os armadores a oferecerem o regulamento de trabalho da marinha francesa, também não resolveu o problema, e enquanto a nós nós nos vi-
lhar a parte que diz respeito aos «quarter-masters», e de resto ficaríamos com 8 horas tanto a navegar como em porto, o que actualmente não temos — não ser que os armadores quizessem aproveitar só o que é a favor deles. Para evitar que tal caso se dê, é melhor ficarmos como estamos por enquanto, e depois de atendidos as nossas justas reclamações, mais ponderadamente se pode estudar a regulamentação do horário de trabalho a bordo.

Assim teríamos solucionado o conflito — sem quebra de dignidade para ambas as partes.

Qu terão os armadores interesse em que a greve se prolongue?

O futuro o dirá.

Silvino NORONHA
Marítimo sindicado



—Sabes Luisa? Não recebi o aumento do meu ordenado.
—Não tens habilidade para nada... nem mesmo para falsificar cheques!

Grande escândalo num "restaurant" ENORME ÊXITO UM SÓ ESPECTACULO Teatro Apolo A mais alegre e ani- Risota permanente GERAL, 2\$00; CADEIRAS, 6\$00; FAUTEUILS, 7\$00; CAMAROTES, desde 15\$00.

CRÓNICA DO PORTO Vida Sindical

Um regime de falsificações...

O povo paga para ser envenenado

PORTO, 30.- Estamos numa excep- cional época de fraudes e de falsifica- ções. Cada qual falsifica o que pode, cada qual rouba o que lhe apetece...

Festas associativas

Sindicato do Pessoal do Ar- senal da Marinha e Cor- doaria Nacional

Conforme noticiámos, este Sindicato comemorou nos dias 1 e 2 do seu XII aniversário, tendo sido cumprido o pro- grama que também publicámos.

Marítimos de Longo Curso

NOTA OFICIOSA DO COMITÉ

Camaradas: A ponderação com que reclamamos um pouco mais de bem estar para vós e vossas famílias, respon- dem-nos os armadores com o seu gran- de indiferentismo, não deixando contu- do de nos não dar a conhecer que ti- nhámos muita razão para assim recla- mar, lançando-nos com a sua hostil acção - à greve - arma que dizem «eles» ser nossa - mas manejada agora por eles.

Condutores de carroças da casa Moca

A Associação dos Condutores de Carro- ças lembra a todos os componentes da classe para não virem trabalhar para a casa do patrão Moca, em vir- tude de estar aberto um conflito com o respectivo pessoal por questão de sa- lário.

EM VALENÇA DO MINHO

Operários da construção civil

VALENÇA, 2.- Prossegue-se de- feições o movimento grevista dos op- erários da construção civil, apesar de já terem decorrido seis semanas. Na últi- ma reunião, a assembleia manifestou-se pela continuação da greve até que jus- tiça seja feita.

Tribunal de Arbi- tros Avindores

Foram lidas as sentenças, condenando a firma Luzes Lt.ª ao pagamento de 680\$05 ao ex-quadrado-emprego Manuel António Rosa. A ré apela da sen- tença.

C. G. T.

Secção de Uniões

Reúne amanhã, pelas 21 horas.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e

U. S. O.

Conselho de Delegados

Reúne hoje este Conselho a fim de apreciar uma proposta sobre a Casa dos trabalhadores e os preliminares da Conferência inter-Sindical e a nova es- trutura a propor à discussão e aprova- ção da referida conferência.

COMUNICAÇÕES

Federação dos Empregados no Comércio - Junta Sul. - Reunião ante- ontem em sessão ordinária com a pre- sença de todos os componentes, tendo sido apreciados diversos ofícios respec- tantes às Associações de Olhos, Vendas Novas, Vila Real de Santo António e Silves, tendo-se-lhes oficiado consoante as suas comunicações.

Federação do Livro e do Jornal. - Reúne hoje pelas 20,30 horas o con- selho federal.

Federação de Calçado, Couros e Peles. - Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão administrativa.

Compositores Tipográficos. - Reúne amanhã pelas 19,30 horas na sua sede, rua António Maria Cardoso com a seguinte ordem de trabalhos:

1.ª - Nomeação de delegados à con- ferência inter-sindical, promovida pela União dos Sindicatos Operários.

2.ª - Nomeação de um delegado para o Tribunal dos Arbitros Avindores.

3.ª - Continuação da discussão e vo- tação do parecer sobre as acumulações, em virtude de ter sido presente, na última reunião dos delegados dos jornais, uma proposta nesse sentido.

4.ª - Nomeação de dois delegados à U. S. O.

5.ª - Pronunciamento sobre uma con- sulta feita pela Federação no sentido de se organizar o Sindicato Unico Gráfico.

6.ª - Apreciação da resposta da Federa- ção sobre a criação dos Conselhos Técnicos.

Sindicato Ferroviário. - Reúne hoje, pelas 21 horas, todas as comi- sões que compõem os corpos gerentes deste sindicato, para tratar de assun- tos que se prendem com a sua situa- ção de São Pedro da Cova, elevado a efeito naquela cidade.

Sobre a falta de transportes para cortiça, a comissão anteriormente elei- ta para tratar deste assunto, deu conta dos trabalhos que desenvolveu junto das entidades competentes, resolvendo o conselho instar novamente com os sindicatos que ainda não responderam à nota da Federação inserida em A Ba- talha de 21 p. p., para que façam im-ediatamente, a fim de se não protelar o trabalho que a comissão tem entre mãos.

Para normalizar um caso suscitado em Aldegalga, deliberou-se enviar al- delegados na presente semana, sendo nomeados Silvério dos Santos e Fran- cisco Costa.

Foi ainda apreciada uma comunica- ção do sindicato de Almada a propo- sito da reclamação ali formulada nos industriais, os quais comunicaram a vir- tude de estar aberto um conflito com o respectivo pessoal por questão de sa- lário.

O conselho, tendo em atenção factos idênticos observados noutras localida- des, resolveu reclamar da Secção de Cortiças da A. J. P. aumento de sa- lário para a classe numa maneira geral, perfilhando para esse efeito a reclama- ção do sindicato de Almada.

S. U. Metalúrgico. - Reunião a co- missão administrativa que aprovou 125 propostas de novos sócios referentes ao pessoal de limpeza de caldeiras de mar e terra que deu ingresso no sindicato e de mais 10 metalúrgicos.

Foi resolvido de acordo com um de- legado da classe dos ferradores o seu ingresso no sindicato ingressando nele igualmente os haveres da extinta asso- ciação. Resolveu-se contribuir com a quantidade de 100 escudos para o apelo feito pela U. S. O. do Porto no intuito de saldar o compromisso de 12 contos que assumiu para levar a bom termo a greve de São Pedro da Cova, e de fazer um apelo à classe para esta também contribuir.

Foi apreciada a greve marítima e re- solvido satisfazer a reconhecendo que dos prejuízos só os armadores, com a sua intransigência são culpados.

Condutores de carroças. - Reuni- ontem a comissão administrativa, que apreciou vários expedientes a que deu o devido despacho.

Mais apreciou os trabalhos para a sessão a realizar-se amanhã no Póço do Bispo, rua Direita de Marvila, à qual assistiram delegados da U. S. O.

S. U. Mobiliário. - A fim de amor- tizar o débito dos grevistas mineiros de São Pedro da Cova, o secretário geral abraça a todos os componentes que abram quotas nas oficinas para o mesmo fim.

S. U. Mobiliário. - Para continuação de trabalhos pendentes, reuniu a assembleia geral deste sindicato, dis- cutindo-se a atitude dos delegados deste organismo à U. S. O. acerca da questão da demissão do comité confederal. Após larga discussão, foram aprovados os seguintes documentos:

Considerando que a indicação feita ao secretário geral da C. G. T. não foi feita de harmonia com as normas sin- dicalistas.

Considerando que se essas normas fossem seguidas é muito possível que essa indicação não se realizasse;

Mas, considerando que os militantes que fizeram essa indicação, a fizeram, o que para nós não é duvidoso, na per- suasão de que a faziam em benefício da organização;

Considerando que a assembleia deve- estar animada do mais belo espírito de conciliação para bem da organização em geral; resolveu: 1.º que o camarada Santos Arranha continue a merecer a mesma confiança que até aqui; 2.º

Considerando que a assembleia deve- estar animada do mais belo espírito de conciliação para bem da organização em geral; resolveu: 1.º que o camarada Santos Arranha continue a merecer a mesma confiança que até aqui; 2.º

Considerando que a assembleia deve- estar animada do mais belo espírito de conciliação para bem da organização em geral; resolveu: 1.º que o camarada Santos Arranha continue a merecer a mesma confiança que até aqui; 2.º

Considerando que a assembleia deve- estar animada do mais belo espírito de conciliação para bem da organização em geral; resolveu: 1.º que o camarada Santos Arranha continue a merecer a mesma confiança que até aqui; 2.º

TEATRO NACIONAL

HOJE

ainda o drama

Alcázar Kibir

Coliseu dos Recreios

HOJE - A's 21 horas (9 da noite)

Segunda apresentação dos notáveis artistas

IRMÃOS DAINEFF

nos seus novos trabalhos no colchão diabolico

Todas as maiores novidades e atrac- ções da

Grande Companhia de Circo

O melhor mais artístico, mais variado e mais barato espectáculo de Lisboa

Classes que reclamam

Os ferroviários da Compa- nhia Portuguesa

effectuam amanhã uma assem- bleia magna

No teatro Gil Vicente, à Graça, efec- tua-se amanhã, pelas 20,30 horas, uma assembleia magna dos ferroviários da Companhia Portuguesa, para tratar das demissões do secretário geral do Sin- dical e do relator da comissão de mel- horamentos.

Nesta assembleia far-se-ão repre- sentar a Federação Ferroviária, pelo seu secretário geral, Sindicatos do Sul e Sueste, por Miguel Correia; do Minho e Douro, Beira Alta e demais organi- smos ferroviários do país.

A comissão executiva fez distribuir um manifesto convite para esta assem- bleia.

Cocheiros de Lisboa

Reúne-se hoje esta classe, na sede social, pelas 21 horas, para continua- ção dos trabalhos da última sessão e resolver sobre o caminho a tomar em face da atitude das casas que se recu- sam a satisfazer o aumento de salário pedido.

Mutualismo e cooperativismo

Associação de Socorros Mútuos Barbeiros e Cabeleiros. - Reúne hoje, às 21 horas, a assembleia geral.

Interesses de classe

Operários Alfaiates

Reúne a comissão de melhoramen- tos que apreciou demoradamente os trabalhos realizados, resolvendo levar à próxima assembleia geral, que se rea- liza hoje, pelas 21 horas, um relatório que simultaneamente consubstan- ciará não só as reclamações em definiti- vo a enviar aos industriais, mas ainda o estado orgânico da classe.

Os futuros trabalhos desta comissão dependerão contudo, da concorrência que essa assembleia tiver.

Exploração de menores

Participam-nos do Sindicato Unico Metalúrgico, de que, entre inúmeras queixas, que tem recebido contra di- versos industriais que ultimamente tem vindo procedendo muito incorrecta e desumanamente contra os seus opéra- rios e aprendizes, existe uma, que se re- fere a firma Salvador Levy & Filho, com oficina metalúrgica ao fundo da rua do Telhal, na rua n.º 1 porta 5 ao Póço do Bispo.

O patrão gerente desta oficina não só desrespeita os operários que trabalham sob as suas ordens, como se arroga ao direito do reter os aprendizes na oficina até às 18 e 19 horas; isto com obriga- ção de todos os dias acrescido ainda da agravante, de os obrigar a trabalhar aos domingos, levando a sua omnipo- tente autoridade, a ameaçar os aprendi- zes de despedimento, no caso de eles não irem trabalhar aos domingos, o que já tem sucedido, bem como o de lhes não pagar a fiação senão aos domingos, isto com o fim de a tal os obrigar.

Este indivíduo tem tam maus instin- tos; que despediu um operário, por este lhe ter reclamado o pagamento de \$25 que lhe tinha faltado na fiação.

A lei de 14 de Abril de 1891 referente à protecção aos menores nas indústrias ainda vigora e coloca sob a sua alçada estes indivíduos.

O S. U. Metalúrgico condena veementemente a atitude deste explorador.

Estropeados da guerra

Para apreciarem a sua situação em face das melhorias concedidas aos mutila- dos, devem reunir amanhã, pelas 18 horas, no teatro Gil Vicente, à Graça, os estropeados da guerra para assenta- rem na maneira mais prática para serem formuladas as suas reclamações junto do parlamento.

Juventudes Sindicalistas

Núcleo de Lisboa. - Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão adminis- trativa.

Universidades, Academias e Escolas

Sociedade de Estudos Pedagó- gicos. - Reúne amanhã, pelas 21 horas, a assembleia geral, com a seguinte or- dem da noite:

Comunicações livres; propostas da direcção; relatório do tesoureiro; elei- ção dos corpos gerentes para 1923-1924.

Virgílio Arraiano

COVILHÃ

Vende directamente ao consumidor - FAZENDAS PARA FATOS DE HOMEM OU SENHORA

PEÇAM AMOSTRAS

Quinta feira

a primeira

representação

da peça

VERTIGEM

São Carlos

HOJE ÚLTIMA - Récita da moda

32.ª A Vinha do Senhor 32.ª

Brilhantíssimas crinças de

Lucília Simões e Erico Braga

Bilhetes à venda a qualquer hora

sem aumento nos preços:

Prizes e camarotes de 1.ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª e de 7.ª, 8.ª, 9.ª, 10.ª, 11.ª, 12.ª, 13.ª, 14.ª, 15.ª, 16.ª, 17.ª, 18.ª, 19.ª, 20.ª, 21.ª, 22.ª, 23.ª, 24.ª, 25.ª, 26.ª, 27.ª, 28.ª, 29.ª, 30.ª, 31.ª, 32.ª.

Os bilhetes marcados devem ser reclama- dos até às 7 da tarde.

A seguir: «A Castela», original de Capus, trad. de Acácio de Paula, do repertório Lucília Simões.

Ultimas notícias

A agonia dum povo!

Tumultos entre os comunistas e a policia

STUTTGART, 3.- Tem havido in- multos nesta cidade entre os comuni- stas e a policia. A irritação aumentou devido ao assassinato do chefe da policia que conseguiu introduzir-se na sala de reuniões dos comunistas e que pro- tendeu dominá-los de revolver em pu- ão enquanto um seu camarada se pu- ão a fugir.

Um protesto do governo alemão

BERLIN, 3.- O governo alemão pro- testou contra a apreensão do material ferroviário feito pela Bélgica por moti- vo de a Alemanha não ter querido pi- gar uma indemnização por ter sido as- sassinado o tenente belga Grafit.

Auxílio aos proletários alemães

BERLIN, 3.- O comité dinamizou da Comissão Internacional de auxilio aos necessitados alemães solicitou a várias personalidades a sua colaboração para prestar socorros e fornecer vívo- res aos proletários da Alemanha.

Um complot contra o rei da Grécia

ATENAS, 3.- A policia grega teve conhecimento de que se organizou um complot para assassinar o rei da Grécia.

Mateo e Nicolau

Pretendia-se facilitar-lhes a fuga!

MADRID, 1.- Foram presos alguns indivíduos, entre os quais se encontra- va um irmão de Mateo, acusado de pre- tender facilitar a fuga aos sindicalis- tas Pedro Mateo e Luis Nicolau, iniqua- mente condenados a morte como supo-ostos autores do atentado contra Eduardo Dato.

Foram apreendidos a alguns dos pre- sos vários objectos, dinheiro e planos do cárcere. - (E.)

Propaganda eleitoral violenta

LONDRES, 3.- A propaganda eleito- ral tem decorrido tumultuosamente em bastantes círculos, tendo um dos can- didatos femininos sido agredido a pontapé ao descer da tribuna onde pronunciara o seu discurso, recolhendo a casa bas- tante ferida num joelho.

QUEM QUER

vestir bem e barato confronta os preços do

Depósito da Covilhã

porque vende directamente das fábricas ao consumidor esplendidas fazendas de de lá para fatos e vestidos.

Las em fio para malhas.

Tem alfaiate

Rossio, 93, 2.º andar

Telefone 4670 N. (Ascensor).

FILIAL: Rua do Ouro, 205, 1.º an- dar, entrada Loja da América

Coluna esperantista

Popola Esperantista Klubo. - Realiza-se hoje a lição do curso para leccionadores, em virtude de se não po- der realizar na próxima quinta-feira.

